

# Fenda em Almada

## Jornalismo em cena

“A democracia precisa do jornalismo, mas será que o jornalismo precisa da democracia?”, esta é a interrogação que, a dada altura, lança uma das personagens de Fenda, a nova criação da Companhia de Teatro de Almada (CTA), que estreia a 15, no Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB). E é sobre democracia e jornalismo, o sucesso, a mediatização e outras questões que marcam a agenda hoje que trata a peça escrita e encenada por Rodrigo Francisco (RF).

Fenda é a história de uma jornalista, Catarina, que “aposta tudo” na sua carreira televisiva e, nas voltas da vida e da profissão, acaba por confrontar-se com a “degradação e corrupção dos seus ideais”. Uma mulher retratada também no seu percurso íntimo, de “origens humildes”, que de alguma maneira irá esquecer, afastando-se da própria mãe, para “apanhar o elevador da ascensão social”. “Julgo que é um texto por onde perpassa um certo mal-estar da sociedade atual, embora não haja uma mensagem propriamente dita”, adianta o dramaturgo ao JL. “Como dizia Woody Allen, se tivéssemos uma mensagem a passar, escrevia uma carta e não uma peça”.

É uma peça, para ele, tem que ter “uma história contada de uma forma interessante e com algum sentido de humor, personagens e conflitos”: “Gosto muito de uma frase do Peter Stein que costuma dizer que o teatro começa quando entra uma personagem em cena que diz uma coisa e depois outra que diz o contrário. Quando me



João Temera e Maria João Abreu Fenda, a nova criação da Companhia de Teatro de Almada

deparo com a angústia da página em branco, penso nisso e em Georges Feydeau que garantia que quando não sabia o que escrever, proporcionava o encontro de duas personagens que não deviam encontrar-se”.

Rodrigo Francisco, 38 anos, diretor da CTA e do Festival de Almada, desde 2013, estreou-se como dramaturgo com Quarto Minguante, em 2007, a que se seguiria Tuning, três anos mais tarde, ambas encenadas ainda por Joaquim Benite, com quem se iniciou no teatro e que, após a sua morte, substituiu na direção da companhia. Quase uma década depois, escreve agora Fenda. “Este texto surgiu em abril do ano passado, depois de muito tempo

sem escrever, porque as responsabilidades aumentaram. Fiz apenas algumas reescritas e dramaturgias. Até que um dia a Teresa Gafeira me disse que eu tinha que escrever peças, porque era preciso um repertório que falasse às pessoas, para que se possam reconhecer e comover com os atores em cena”.

A escrita teatral impôs-se-lhe justamente porque sente que “uma das coisas que mais falta no teatro português são textos originais”. “Temos interessantes grupos de teatro, ótimos encenadores e atores, mas continua por cumprir aquilo que Almeida Garrett desejava com o projeto do teatro nacional, ou seja um teatro em português que trate os problemas contemporâneos”, assevera o

dramaturgo e encenador. “E textos que não sejam fechados em si e que permitam refletir sobre o que acontece hoje em dia”.

Não por acaso, a “televisão está em cena” em Fenda: “O espetáculo utiliza muito o vídeo em direto e uma metalinguagem televisiva”, salienta ainda. “Recriamos em cena um estúdio de televisão e assistimos ao modo como as coisas são fabricadas ao vivo. Para falar precisamente dos problemas do jornalismo hoje, de como quase se deixam de dar notícias para haver sobretudo comentários e opiniões ou como os próprios jornalistas se transformam em personalidades da sociedade, escrevem livros, e blogues, publicam imagens de si próprios”.

São temas que vão estar em palco e também na mesa, numa série de quatro conversas e debates com o público, aos sábados à tarde, num ciclo complementar, moderado pela jornalista Cristina Margato, em que irão participar Pedro Santos Guerreiro, Pacheco Pereira, Carla Dias e Ana Sousa Dias. “Vamos refletir sobre o modo como o jornalismo se tem transformado e que importância isso tem nas nossas vidas”, acrescenta o diretor da CTA. “E até sobre se o estado não deve subsidiar o jornalismo para garantir a sua continuidade e qualidade, como alguns já discutem”.

Maria João Abreu, “uma das melhores atrizes da sua geração”, e Diogo Dória, “um príncipe”, nas palavras de RF, que confessa o “privilegio” de trabalhar com eles, são os protagonistas de Fenda. Do elenco fazem parte ainda Adriana Melo, Carlos Fartura, João Ferraia, João Tempera, Mina Andala e Pedro Walter. A cenografia é de Jean-Guy Lecat e os figurinos de José António Tenente. A peça ficará em cena na sala principal do TMJB, até 7 de abril.

JL MARIA LEONOR NUNES